COLABORAM NESTE NÚMERO

ALUIZIO BEZERRA COUTINHO

Biólogo, catedrático de Patologia Geral do Centro de Ciências Biológicas da UFPE, Regente de Filosofia das Ciências Naturais do Curso de Mestrado em Filosofia da UFPE. Publicou este ano o livro *Da Natureza da Vida*.

NEWTON SUCUPIRA

Titular de Filosofia do Departamento de História e Filosofia da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenador do Curso de Doutorado da mesma Universidade. Ex-titular de Filosofia da Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

LEÔNIDAS CÂMARA

Doutor em Letras e Docente Livre em Teoria da Literatura, ex-catedrático de Estética da UNICAP, coordenador do Curso em Mestrado de Filosofia da UFPE e professor do Curso de Mestrado em Letras da mesma Universidade.

GEORGE BROWNE REGO

Doutor em Educação pela Universidade de Tulane (USA), professor dos Cursos de Graduação em Pós-Graduação do Centro de Educação da UFPE, ex-Pró-Reitor para Assuntos Acadêmicos e atual Reitor da Universidade Federal de Pernambuco. Várias obras publicadas em livros e revistas especializadas.

CÉSAR LEAL

Professor de Teoria da Literatura e de Teoria da Poesia nos Cursos de Graduação e de Mestrado em Letras da UFPE. Poeta e crítico de poesia, autor dos livros *A quinta Estação*, *O triunfo das águas*, *Jornal do Verão*, *Os cavaleiros de Júpiter*, *Literatura: a palavra como forma de ação*, entre outros. É conselheiro da Fundação Joaquim Nabuco.

RONALD RASSNER

Ph.D. pela Universidade Wisconsin. Professor de Literatura comparada, especialista em Estudos Africanos. Atualmente participa de um Programa de Intercâmbio com várias Universidades brasileiras a serviço da Comissão Fulbright.

MARCIONILLO LINS

Catedrático de Bioquímica, Professor Emérito da UFPE da qual foi Reitor entre 1971-1975. Assistente Técnico Especializado CNPq. Diretor do Departamento de Recursos Humanos da SUDENE. Várias obras publicadas.

SÉRGIO REZENDE

Ph D. em Física pelo Massachusetts Inst. of Tech. (MIT) Professor de Física Aplicada e Básica no Departamento de Física da UFPE. Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Física. Vários trabalhos publicados.

WEYDSON BARROS LEAL

Poeta da novíssima geração pernambucana.

Da Biologia à Fraternidade Universal

Aluizio Bezerra Coutinho

Desde seu aparecimento o transformismo vem utilizando representações gráficas das relações de continuidade ancestral entre os seres vivos. Na *Origem das Espécies*, Darwin representa a "descendência com transformação" de espécies imaginárias por meio de modelos simplificados sob a forma de árvores genealógicas prescindindo nelas a consideração da sexualidade que tem o inconveniente de tornar os troncos, ramificados ou não, em feixes reticulados com dicotomias e anastomoses. As árvores genealógicas são tentativas de representação atual em dimensões espaciais do que ocorreu ou se supõe ter ocorrido ao longo do tempo. Desenvolvidas com luxo de detalhes por Heckel, tornaram-se dispositivos de uso conveniente e corrente nas exposições de idéias filogenéticas. A comparação entre as árvores filogenéticas, que são condensações de árvores genealógicas possíveis, dão uma idéia bem segura do desenvolvimento dos conhecimentos, durante os últimos cem anos, das possíveis relações de parentesco entre os seres vivos. Pela comparação da seqüência de propostas é possível apreciar-se facilmente não só o crescimento da documentação material quer paleontológico quer genética, bioquímica ou serológica, ou ainda embriológica e anatômica, como também as mudanças, havidas nas interpretações destes conhecimentos. Conceitos novos de valor ainda não bem assentados, tais como "distância evolutiva" atestam a introdu-

ção de critérios mais quantitativos que qualitativos na reconstrução das linhagens, dos possíveis entrelaçamentos das categorias taxionômicas.

Estes estudos e especulações apresentam uma feição comum. Todos eles procuram salientar as semelhanças entre as espécies de organismos, minorar o valor das diferenças. De um ponto de vista sentimental devem ser vistas como esforços que fortalecem e frizam o parentesco, a fraternidade, a unidade original de, e entre, todos os seres vivos. Nisto contribuem para reforçar a corrente de pensadores que consideram não ser importante nem necessária a idéia da natureza como campo de batalha, deformação do espírito darwiniano utilizada abusivamente por todos os advogados da violência que querem justificar, mesmo às custas de uma adulteração sistemática do darwinismo, seus pendores sanguinários de conquista e abuso do poder. Para isso é necessário que se deixe de ver, escotoma muito freqüente, que desde Kropotkin, que exaltou a mútua ajuda como fator evolucionário, até as recentes avaliações do altruísmo aparecendo como valor seletivo favorável nas populações de organismos sociais.

As árvores filogenéticas são mais do que meras representações gráficas feitas por naturalistas imaginosos. Elas são na verdade retratos muito ou pouco fiéis, não importa, da realidade da existência no tempo de uma continuidade física entre todos os organismos da biosfera. Todo ser vivo individual provém de outro ser vivo. Toda célula de outra célula. Não há intervalos de inexistência, interrupção saltatória nas linhagens. Há evidências empíricas de unidade de origem de todos os viventes. De qualquer modo, por imperfeitas e defeituosas que sejam, as árvores filogenéticas descrevem graficamente um fato concreto, por difícil que possa parecer à primeira vista sua aceitação.

Esta dificuldade está encastada na concepção do mundo que se aceite. Para os adeptos numerosos de religiões panteístas, pampsiquistas, ou das que aceitam como

dogma de fé a possibilidade, não só da "reincarnação" mas a da metempsicose, nada de repugnante pode ou deve haver na idéia da unidade de origem. O mesmo não se dá entre os adeptos das religiões, de origem judaica, fundamentalistas, tanto cristãos, mormente os "reformados", como os muçulmanos, hebreus e muitas seitas menores de igual origem e inspiração. Os que remontam ao "livro", passam a admitir a multiplicidade e independência das diversas categorias de viventes, culminando com uma criação especial do homem, feito para alimentar e manter os deuses, como está no Enema Elish, o livro mesopotâmico da criação, para louvá-los perenemente, recebendo o "direito" de dominar, usar e abusar de todos os outros viventes, feitos somente para seu regalo e gozo, ou como matéria prima para oblações e sacrifícios, como se depreende dos primeiros capítulos do Gênesis.

A admissão da idéia de que a espécie humana seja o resultado de uma criação especial, separada e distinta das origens ou origem de todos os demais seres vivos foi e continua sendo influente artigo de fé. Uma das grandes conseqüências do transformismo a partir de Darwin é ter modificado a mentalidade dos estudiosos sérios, fazendo-o de forma a contornar obstáculos confessionais. Pelo menos para a inteligência católica, não é nunca demais lembrar Mendel, Boule ou Teilhard de Chardin, o fundamentalismo desvaneceu-se como uma névoa, e aquilo que os piedosos têm como verdades da fé deixou de ser a credulidade supersticiosa em textos arcaicos de redação obscura, retocados na história ao sabor dos interesses clericais ou políticos do momento. O espírito esclarecido que aceita uma razão de ser transcendente ou imanente não necessita, requer ou mesmo aceita conviver com a adoração de textos convertidos em fetiches, cuja análise documental seria anátema, para não dizer nada da interpretação racional.

O desenvolvimento da teoria da origem fortuita, única porque de probabilidade baixíssima mas positiva, con-

corda com o transcendentalismo religioso, filosófico, espiritualista na sua recusa em ver na vida um campo de demonstrações de tendências preternaturais, de forças teleológicas, de enteléquias, e também ao afirmar que a estrutura automontável pode existir como resultado de um ato inteligente. Mas o acordo para aqui. A existência de uma inteligência transcendente, divina portanto, é admitida como consequência de um ato de fé, não como resultado da apreciação das cousas do mundo. A convicção do caráter fortuito da origem da vida, como evento de muito baixa probabilidade de ocorrência não requer nenhum ato de fé além dos dois primeiros, sem os quais a ciência e a filosofia das ciências não têm justificativa: primeiro a fé na existência de uma realidade material, fora de nossa consciência da qual nós somos também parte, e, segundo, a de que o mundo físico, chamado exterior é inteligível, isto é, representável, descritível nos conceitos da mente, em que pese a aparência de recorrência semântica destas últimas palavras.

A mentalidade associada ou derivada do pressuposto de que o homem é o resultado de uma criação especial, predestinada a ser dono e senhor do mundo é uma reserva, um armazém da presunção nociva e abjeta dos "destinos manifestados", que leva, em relação à biosfera e à Terra de um modo geral, à consagração dos abusos do "jus utendi et abutendi", atitude de irresponsáveis. Em relação ao próprio homem, os pronunciamentos de "destinos manifestos", quase sempre atribuídos a atos e desejos de Deus ou Deuses como justificativa aos próprios crimes, geram, é claro, todos os abusos sociais, opressões e guerras, tiranias e "apartheids". Este estado triste das cousas poderá até sugerir dúvidas sobre a existência de um valor seletivo da inteligência.

Com estas ponderações chega-se ao reencontro da noção de valor, de tão grande significação metafísica que forma o travejamento essencial da moral, da ética. A noção de valor, como foi sugerido, não pertence ao domínio

dos fatos das ciências naturais. Pertence ao domínio da consciência. Valor seletivo não expressa nenhum conceito qualitativo desta ordem. É uma maneira simples, taquigráfica, não pedante de querer dizer que determinado fator, bem caracterizado, assegura maior fertilidade aos indivíduos, de uma população, que geneticamente estejam condicionados para manifestá-lo.

Com o advento da inteligência o uso de determinada qualidade, potencial ou manifesta, deixa de ser necessário. O ato voluntário consiste na opção de uma "decisão" no sentido do algoritmo derivado da teoria do jogo. Quanto mais acentuada, elevada e requintada for a inteligência segundo e conforme a mensuração tentativamente precária dos psicólogos, mais distantes no tempo e no espaço serão as avaliações e tentativas de apreciação das consequências resultantes da prática do ato voluntário. O imediatismo é caráter próprio das inteligências rudimentares, está mais próximo da simples resposta reflexa do que de uma elaboração mental. Somente a inteligência elevada pode ser considerada como capaz de bom uso dos poderes que ela confere. Infelizmente a eficiência dos possuidores de personalidades incompletas, onde o egoísmo e a falta de escrúpulos converte a inteligência em esperteza e velhacaria, cheias de crueldade, destituída de compaixão, faz agirem como destrutores, tanto do ambiente como da sociedade, e do próprio futuro, porque somente há futuro para os que pensam, planejam e agem tendo em vista os resultados remotos, futuros e distantes, e por isso mesmo preparam e optam pelos caminhos apropriados para o bom porvir.

O sentimento de fraternidade tem sido o sal da terra bem no sentido que se encontra em Mateus, 5-13. Tem surgido em muitas civilizações e culturas desde que estas atinjam um grau de desenvolvimento intelectual, filosófico e literário. Verifica-se e é problema a ser estudado e elucidado pelos que fazem filosofia da história, desde Amenófis IV, que se chamou Aqueenato, indo por Buda

e Isaías a Jesus de Nazaré, para mencionar somente uns poucos, dentre os quais alguns atingiram na memória dos homens a santificação ou a deificação, ou foram vítimas de tentativas de arrancamento dos registros históricos pelos eficientes partidários da violência, como aconteceu com Amenófis IV, o Aquenato, e, em dias de ontem, a El Bab, sacrificado que foi em 1850.

O reconhecimento da fraternidade entre os homens tem se manifestado principalmente pela oposição às guerras e conflitos, a instituições como a escravidão, à sujeição servil, aos racismos superioristas de "povos eleitos" promotores de genocídios e "apartheids". Mais rara é a manifestação do sentimento de irmandade para com toda a biosfera, dos partidários da proteção da natureza, que admitem a utilização dos seres vivos como contingências, sem tolerância de abusos, como os desastres ecológicos de nossos dias e as extinções por agência humana maldosa, sem justificção aceitável de centenas senão de milhares de taxons, inventário não concluído porque tem-se destruído até o que se ignora existir. Nunca se poderá avaliar com rigor a deleteriedade dos efeitos do uso da inteligência de baixo padrão, rudimentar.

O sentimento de comunhão com a natureza viva, da necessidade de participar-se da biosfera como um componente harmônico e não como um foco de doença letal tem surgido periodicamente para a alegria dos otimistas. São figuras que formam o que de mais belo e respeitável tem sido visto na história. Destaque especial tem a figura de São Francisco de Assis, o santo por excelência da reconciliação do homem com a natureza e a vida, e que o converteu no patrono da ecologia militante dos que, contra a oposição soez, aberta e até agressiva, pregam a defesa da biosfera, o uso e não o abuso destrutor da natureza. Tais militantes enfrentam não somente a fúria dos zelotes que sempre se associaram aos, ou se constituíram, em poderes e mandos, mas também a indiferença pilatesca dos tíbios e dos aproveitadores do deixa estar como está, os mornos a quem se refere Dante, indignos de atenção.

Até os dias de hoje todos estes movimentos e atitudes contavam unicamente com o suporte da elevação moral, isto é, da aceitação de sistemas de valores não sujeitos às vantagens materiais, à satisfação de vaidades, mas baseados todos nos sentimentos que sempre foram tidos como manifestações de bondade, o altruísmo, a abnegação e a solidariedade. É portanto de acreditar que uma filosofia natural que não só admita mas exija alguma coisa mais sólida do que um sentimento ético, como seja a continuidade física no tempo, de todos os organismos vivos, fato biológico de que, como foi visto, os desenhos das árvores filogenéticas são representações em primeira aproximação, possa vir a se constituir em um firme apoio à moral de solidariedade, do sentimento de participação, não em um corpo místico, mas em um corpo físico, real, efetivo, assegurando a unidade de toda a biosfera e nela a humanidade com ela e não contra ela.

A ciência natural é essencialmente neutra quanto aos pontos de vista éticos. Ela não impõe decisões, apenas demarca o possível do inviável. Não estabelece maneiras de como usar suas leis nem as possibilidades das técnicas que delas derivam. Uma substância tanto pode ser um veneno como uma medicina. A forma do uso, ocasião, indicação é que fazem-na veneno ou remédio. Por isso quem quer que faça ciência, ao se comportar como moralista estará apenas fazendo dela um uso determinado para o que ele pensa saber ser verdadeiro, bom, embora nem sempre o seja. O risco de erro tem levado até a atitudes reprováveis, quando a qualificação moral deixa a desejar, o que infelizmente tem sido mais do que freqüente em todos os tempos, desde que se pode falar em ciência. Mas a neutralidade essencial da ciência não inibe nem compromete o uso justo, e, como se usa dizer, moralmente elevado, capaz de melhorar as sociedades, promover a manifestação do que se chama virtude.

É forçoso reconhecer que a tarefa desta utilização não é fácil. Ela compete antes ao que equivale ao sacer-

dócio, e não a uma igreja de biólogos ou de pedantes filósofos amantes de bizantinismos metafísicos. Compete a homens de boa vontade que, sendo em sua maioria estranhos à biologia e às leis da genética, vão ter dificuldades afetivas de fácil compreensão. Não é fácil ao homem alheio a estas questões aceitar que ele próprio, como cada um de nós, esteja em continuidade física, tão concreta como a que une todas as partes do corpo de cada um de nós, fazem parte de uma continuidade física, com todos os nossos semelhantes, mesmo que sejam nossos inimigos pessoais, mesmo que sejam os mais vis, tanto como com os mais talentosos, nobres e geniais dos humanos. Mais difícil ainda é aceitar-se que esta continuidade física estenda-se também aos mais vilipendiados vivos, dos vermes às lesmas. Pois a continuidade física no tempo não se faz somente com as belas aves, as belas flores. Afinal para o naturalista isto não é surpreendente, porque ele sabe distinguir, ver e admirar cores e formas, fascinantes e belas em seres tidos tradicionalmente como repulsivos, porque ao microscópio surgem perspectivas de existência possível nunca sonhada sequer. É uma exigência insofismável, inevitável, que tem que ser admitida por mais que se lamente ou se deseje negar.

Mas Jesus de Nazaré já pedía que se amasse o próximo, que se amasse os inimigos, que se rejeitasse a competição e a luta pela afirmação vaidosa da personalidade. Os zelotes não pensavam assim. Quantos de seus seguidores, como os seguidores dos proponentes da paz e da fraternidade, de Buda a El Bab, na verdade seguiram seus mestres? Para honra da humanidade, e vai aqui esta ponderação valorativa, obviamente ética, não científica, foram muitos. Houve sempre inúmeros mártires por esporem princípios de fraternidade, independentemente do colorido confessional religioso. Se a noção da unidade

da vida, o reconhecimento deste fato material der origem a movimentos éticos comparáveis, pode-se apenas desejar que seja pequeno o número de seus mártires que distinguir-se-ão de todos os anteriores porque não serão animados por nenhuma espécie de fé numa realidade mística sobrenatural, nenhuma esperança de recompensa ultraterrena, ou melhor orientação de um Karma, mas por uma convicção de outra natureza, a de que o advento da inteligência não deve ser promovido a, ou transformado em causa de extinção, a propiciador da morte a curto ou a longo prazo, conforme venha a agir a grei dos estúpidos e alarves que mandam no mundo contra o futuro do mundo.

A perspectiva dessa grande tragédia tem levado facilmente à increpação de responsabilidades à ciência, aos cientista por todos os desastres que têm resultado do mau uso das técnicas científicas por indivíduos guindados ao poder e à riqueza, e que podem fazê-lo por manipularem o que se chamava nos tempos do racionalismo francês "bourrage de crâne", prática hoje convertida em arte de consumado refinamento na efetuação e na divulgação. Por causa dessa confusão difícil de desfazer e de expor, formam-se movimentos obscurantistas de todas as qualidades que desejariam praticar "autos da fé" contra os que eles supõem muitas vezes erradamente, mas infelizmente nem sempre assim, profetas e causas eficientes das desgraças que se desenham no futuro. Este foi o drama de consciência de Einstein.

Desgraçadamente há entre os cientistas os que se tornam cúmplices do apocalipse, do crepúsculo dos Deuses, tornando viáveis pela técnica possível e pela má qualidade moral deles. O estudo da ciência não é o de um catecismo. Não exige nem impõe as qualidades que valorizam a personalidade e fazem da inteligência que apenas seja capaz de esforços de compreensão, transformar-se

naquela de nível mais elevado, superior que tenha o sentimento moral, o dom da discriminação e escolha que produzem a sensibilidade artística, o dom da abnegação, do altruísmo, qualidades que, se não prevalecerem, não será possível inventar um sentido para o advento do homem.

Que assim possa ser.

Formação Intelectual e Itinerário Filosófico de Tobias Barreto

Newton Sucupira

No Brasil do século passado, o autodidatismo era a regra geral para todos os que pretendiam dedicar-se aos estudos filosóficos. No caso de Tobias Barreto, em razão de seu talento privilegiado e de seu germanismo filosófico, o autodidatismo assume proporções incomuns. Pedro Calmon não exagerava ao dizer que ele foi "o mais espantoso autodidata de nossa história intelectual". É verdadeiramente espantoso que este sergipano com a formação básica adquirida no interior de sua província, sem ter saído do Recife, sem jamais haver freqüentado os grandes centros da inteligência européia, como fizeram várias personalidades de nosso mundo intelectual, sem dispor de professores especializados, nem de institutos de altos estudos, tenha dominado a língua alemã a ponto de familiarizar-se com o pensamento germânico como nenhum outro intelectual brasileiro de seu tempo.

Contudo, por maior que tenha sido o seu talento, Tobias não pôde superar as limitações inerentes a todo autodidatismo, como revelam notórias deficiências de sua cultura filosófica. No fundo, o pensador sergipano foi uma vítima das estreitezas dos horizontes culturais de seu ambiente e do próprio sistema de ensino dominante no Império, os quais impuseram barreiras intransponíveis aos vãos de sua admirável inteligência.

Para bem avaliarmos a riqueza e o vigor de seu pensamento, bem como suas lacunas e imperfeições, é